

A PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM ATLETAS DE FLAG FOOTBALL NO BRASIL

Suelen Carolina Acorroni Rodrigues¹

Graduada em Farmácia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Pós-graduação em Farmacologia – FAVENI, acorroni.farma@gmail.com

RESUMO - O Flag Football é uma modalidade esportiva semelhante ao Futebol Americano e, com a crescente procura, surgiu o interesse em saber mais sobre o uso de medicamentos nesse grupo, sendo que há uma carência de pesquisas relacionando estes dois fatores. Este estudo é do tipo descritivo, seguindo a abordagem quali-quantitativa e de característica transversal, verificando os seguintes pontos sociodemográficos, histórico de saúde, automedicação e a prática de flag, aconselhamento com profissionais de saúde e a suplementação no flag. Os atletas demonstraram alta prevalência no uso de fármacos de maneira irracional, sendo que poucos buscaram auxílio de um profissional de saúde para o consumo dos mesmos. Além disso, alguns demonstraram que fazem uso de suplementos para melhor sua performance no esporte. Conclui-se que os atletas precisam de mais conscientização sobre os riscos da automedicação, sendo o farmacêutico fundamental para este processo.

PALAVRAS-CHAVE: Atletas. Automedicação. Flag Football.

ABSTRACT - Flag Football is a sport similar to American Football and, with the growing demand, there has been an interest in knowing more about the use of drugs in this group, and there is a lack of research linking these two factors. This is a descriptive study, following a quali-quantitative and cross-sectional approach, checking the following sociodemographic points, health history, self-medication and the practice of flag, counseling with health professionals and supplementation in the flag. Athletes showed a high prevalence of irrational drug use, and few sought help from a health professional for their consumption. In addition, some have shown that they use supplements to improve their performance in sports. It is concluded that athletes need more awareness about the risks of self-medication, and the pharmacist is fundamental for this process.

KEY WORDS: Athletes. Self-medication. Flag Football.

1. INTRODUÇÃO

A prática de atividades físicas gera inúmeros benefícios para a saúde em qualquer idade, como por exemplo redução dos riscos de doenças cardiovasculares, melhora do desenvolvimento motor em crianças, melhora da saúde mental, etc. Com isso, a busca por diferentes modalidades esportivas aumenta e com o Flag Football não é diferente. Este esporte possui algumas semelhanças com o Futebol Americano, como por exemplo, o objetivo em ganhar território e pontuar com o *touchdown*. Porém também há diferenças, como por exemplo quanto as dimensões do campo e tempo de jogo, sendo os dois menores quando comparados ao Futebol Americano. É um esporte totalmente democrático, onde pessoas de diferentes biotipos conseguem jogar.

A modalidade surgiu entre soldados americanos durante a Segunda Guerra, quando os mesmos buscavam uma forma de diversão para enfrentar os longos períodos nas bases militares, de maneira que o risco de lesões fosse mínimo. O esporte chegou em terras brasileiras juntamente com o aparecimento da TV a Cabo por aqui (meados dos anos 90) e vem ganhando mais adeptos a cada dia. Dentro do Flag, pode-se encontrar praticantes tanto da modalidade 8x8 (onde é um pouco mais parecido com o Futebol Americano e alguns contatos são permitidos)

quanto no 5x5, que o contato deve ser sempre evitado (GONZAGA, 2022). Atualmente, apenas a modalidade 5x5 é reconhecida pela *International Federation of American Football* (IFAF) e o Flag está sendo um dos desportos a disputarem uma vaga para as Olimpíadas de 2028 em Los Angeles.

Desde o ano de 2002 ocorre o Mundial de Flag Football chancelado pela IFAF, mas apenas no mundial de 2012 que a Seleção Brasileira Feminina teve sua primeira participação. Já a Seleção Masculina de nosso país, teve sua primeira aparição em mundiais no último, que aconteceu no ano de 2021 em Israel. Neste último evento, as brasileiras conquistaram um grande feito e ficaram em 4º lugar na classificação geral, que foi a melhor colocação delas até o momento. Com isso, a equipe feminina se classificou para o *The World Games 2022* – evento teste para os Jogos Olímpicos de Verão/2028 – que foi realizado no Alabama em julho do mesmo ano.

Devido a prática do esporte, muitos atletas podem acabar recorrendo à medicamentos e suplementos para aliviar dores, melhorar sua performance ou tratar alguma lesão. Com isso, muitos utilizam a automedicação que, de acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), é denominada pelo uso por conta própria de medicamentos ou por indicação de pessoas inabilitadas sem a avaliação de um profissional de saúde devidamente habilitado para prescrição (Anvisa, 2020).

O uso indiscriminado de medicamentos pode acarretar sérios riscos para a saúde pública, uma vez que de acordo com os dados obtidos no Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas (SINITOX), só no ano de 2017 foram registrados 20.637 casos de intoxicação por medicamentos, sendo que destes, 8.964 registros ocorreram na população de faixa etária entre 20 e 59 anos (BRASIL, 2022).

Diante dos fatos, surgiu a indagação para a realização do presente estudo: qual a prevalência da automedicação entre os atletas de Flag Football no Brasil? Com isso, o objetivo do trabalho foi observar o perfil dos atletas que praticam a automedicação, quais classes de fármacos são mais utilizadas, o uso de suplementos e se procuram orientações sobre os medicamentos que utilizam com profissionais de saúde, como por exemplo os farmacêuticos.

Este trabalho mostra-se relevante para a comunidade, uma vez que, ao identificar a prevalência da automedicação em um grupo específico, pode-se promover ações para uma melhor educação em saúde dos mesmos. Além disso, ainda há poucos estudos avaliando tais aspectos em atletas.

Para a obtenção dos dados da pesquisa, foi disponibilizado um questionário online para o público-alvo. Este questionário foi enviado para diversas equipes do Brasil através de mensagens nas redes sociais dos times e também pelo compartilhamento do link entre atletas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo realizado foi do tipo descritivo, seguindo a abordagem quali-quantitativa e de característica transversal. Sendo este realizado no período de abril e maio de 2022, compreendendo diversas cidades de todas as cinco regiões brasileiras (Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul).

Os participantes da pesquisa eram um público variado em relação ao tempo que pratica o esporte e idade, totalizando 310 atletas. Todos os participantes foram submetidos ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do contato com a pesquisa, sendo

automaticamente excluídos àqueles que se recusaram a aceitar o termo e que, por algum outro motivo, fecharam a aba da pesquisa de seu navegador antes de sua finalização. Além disso, foram excluídos da pesquisa também participantes que não residiam e jogavam no Brasil. A amostragem final foi de 309 atletas.

O instrumento de coleta utilizado foi o questionário, contendo perguntas pré-estabelecidas. O link do mesmo foi encaminhado aos atletas através do contato direto da pesquisadora com as equipes nas redes sociais oficiais e também através do encaminhamento direto do link ao público-alvo.

Os participantes que se submeteram a realização da pesquisa foram convidados a assinalar uma caixa de seleção no TCLE, de acordo com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) 13.709/18, que assegura a todos os participantes a privacidade e sigilo de informações os dados coletados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E HISTÓRICO DE SAÚDE

Esportistas entre 16 e 54 anos responderam à pesquisa, sendo que 24 participantes têm entre 16 e 20 anos, 97 possuem entre 20 e 26 anos, 119 estão compreendidos na faixa de idade entre 26 e 31 anos, 45 possuem entre 31 e 47 anos, 18 possuem entre 37 e 42 anos e 6 atletas tem entre 42 e 54 anos.

Dentre o público-alvo, o tempo de prática esportiva no flag foi variado. Sendo que 63 atletas (20,3%) tem até um ano no flag, 70 deles (22,7%) praticam flag entre 1 e 3 anos, 69 (22,3%) estão inseridos no esporte entre 3 e 5 anos e a maioria dos atletas, 34,5% (107 participantes) jogam há 5 anos ou mais. Quando perguntados em qual núcleo jogam, 178 atletas (57,6%) integram equipes femininas e 131 atletas (42,4%) integram equipes masculinas.

Dos participantes, 40 (12,9%) são da região Centro-Oeste, 35 (11,3%) são da região Nordeste, 45 (14,6%) são da região Norte, 156 (50,5%) da região Sudeste e 33 (10,7%) são da região Sul do Brasil. Com isso, contemplou-se todas as regiões do país. De acordo com Gonzaga (2022), o estado de São Paulo possui um dos maiores torneios de flag do Brasil e possivelmente este fator tenha sido determinante para que mais atletas da região Sudeste respondessem ao questionário.

Quando perguntados sobre a pré existência de doenças crônicas, apenas 26 (8,4%) dos participantes responderam positivamente e, com exceção de um, os mesmos utilizam as medicações necessárias para o tratamento de suas patologias. Sobre os medicamentos de uso contínuo sem o prognóstico de doenças crônicas, 76 (24,6%) dos atletas responderam que utilizam outros medicamentos de forma contínua, como anticoncepcionais, por exemplo.

3.2. AUTOMEDICAÇÃO E A PRÁTICA DE FLAG

Ao todo, 58,6% relataram que já se automedicaram pelo menos uma vez após treinos e/ou jogos de Flag. O que corrobora com os dados apresentados na pesquisa realizada pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ), onde 79% das pessoas entrevistadas admitiram a prática da automedicação (ICTQ, 2019).

Os medicamentos mais citados foram pertencentes às seguintes classes farmacológicas: relaxantes musculares (citado 111 vezes), anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) - referidos em 104 das respostas - e analgésicos (mencionados 45 vezes). Entretanto, alguns sinalizaram

que também já fizeram o uso de medicamentos de controle especial e antibióticos sem a prescrição médica. Estes achados corroboram com a pesquisa de Arrais e colaboradores (2016), onde encontraram também uma alta prevalência do consumo na automedicação destas mesmas três classes de medicamentos, sendo que a maioria dos analgésicos e relaxantes musculares são considerados como Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs), o que facilita o consumo.

Os fármacos anti-inflamatórios não esteroides possuem ação anti-inflamatória, analgésica, antipirética e antitrombótica, atuando na inibição das isoenzimas ciclo-oxigenases 1 e/ou 2 (COX-1 e COX-2). Estas enzimas estão diretamente ligadas na produção de agentes pró-inflamatórios como as prostaglandinas, que são lipídeos resultantes da reação química do ácido araquidônico. A inibição da COX pelos AINEs pode ocorrer tanto de maneira não seletiva quanto de maneira seletiva para a COX-2 e, esta inibição impede a cascata de reação do ácido araquidônico, consequentemente não havendo a formação das prostaglandinas (BRUNTON; CHABNER; KNOLLMANN, 2012; Pezzini *et al.*, 2021).

Segundo Silva e colaboradores (2016) relatam, o uso de AINEs provavelmente está relacionado a lesões que ocorrem durante os treinos e competições, além de ser uma das classes de medicamentos mais utilizadas por atletas de elite no âmbito nacional e internacional. Pezzini *et al.* (2021) sugerem que uma mudança na alimentação acompanhada por nutricionistas, ingerindo alimentos que contenham compostos bioativos, pode ajudar a prevenir e tratar as dores e inflamações.

Quanto ao uso de medicamentos controlados e antibióticos, alguns questionamentos são levantados, como por exemplo por qual meio a pessoa teve acesso aos mesmos, visto que de acordo com a legislação vigente a venda destes deve ser feita de acordo com um procedimento específico. Deve-se levar em consideração também que o uso indiscriminado de antibióticos pode gerar resistência bacteriana e também prejudicar a microbiota residente do indivíduo.

Ao serem perguntados sobre o tempo de uso destes medicamentos, 114 pessoas (58,2%) sinalizaram que utilizaram por até 3 dias, 58 (29,6%) disseram que utilizaram entre 3 e 7 dias, apenas 6 (3,1%) disseram que utilizaram de 7 a 15 dias e 18 (9,2%) disseram que não se lembravam por quanto tempo utilizaram. Nove pessoas (4,3%) indicaram que apresentaram alguma reação adversa, enquanto 200 (95,7%) disseram que não.

Os participantes também foram questionados sobre a frequência em que usam tais medicamentos e 63 (20,4%) responderam que não se lembram, 62 (20,3%) disseram que fazem uso uma vez a cada 6 meses, 46 (14,9%) relataram que utilizam pelo menos 1 vez ao mês e 25 (8,1%) fazem uso 2 vezes ao mês.

O uso inapropriado de anti-inflamatórios pode acarretar diversas reações adversas, inclusive reações graves que podem levar o paciente à hospitalização. No trato gastrointestinal por exemplo, os sintomas variam desde desconfortos estomacais, náuseas e até mesmo lesões mais graves levando a úlceras. Isso se dá devido a inibição da COX-1, que está diretamente ligada à produção de prostaglandinas gástricas que criam uma camada protetora na mucosa e, sua inibição leva ao aumento da acidez local e consequentemente a lesões gastrointestinais (BRUNTON; CHABNER; KNOLLMANN, 2012; Pezzini *et al.*, 2021). Lipman e colaboradores (2017) avaliaram em um estudo randomizado duplo-cego o efeito do uso de ibuprofeno em ultramaratonistas e chegaram à conclusão de que o uso deste medicamento durante as corridas pode exacerbar lesões renais agudas. Além disso, o uso irracional de fármacos pode aumentar os gastos em saúde e mascarar sinais e sintomas de outras patologias.

Uma falha do presente estudo foi não levantar o questionamento sobre se os participantes conheciam o risco associado ao uso indevido destes produtos farmacêuticos, pois de acordo com Rosenbloom e colaboradores (2020), as reações adversas a medicamentos (RAMs) são responsáveis por 30% das hospitalizações no Reino Unido.

3.3. QUANTO AO ACONSELHAMENTO COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Foi perguntado aos esportistas se eles pediram auxílio de farmacêuticos e outros profissionais de saúde antes de utilizarem medicamentos por conta própria. Das respostas obtidas, 132 (42,7%) responderam de forma negativa e 107 (34,6%) de maneira afirmativa. Também foi perguntado aos atletas se eles já se aconselharam com familiares e amigos antes de comprarem e/ou utilizarem algum medicamento, 218 (70,5%) afirmaram que já o fizeram e apenas 91 (29,5%) responderam negativamente.

Questionados sobre o embasamento em prescrições antigas para adquirirem medicações, 126 (40,8%) afirmaram que já fizeram e 183 (59,2%) dos participantes negaram. Do total que respondeu positivamente, 112 (88,9%) disseram que as receitas antigas eram deles mesmos e apenas 14 (11,1%) disseram que se basearam em receitas de outras pessoas para comprarem as medicações.

Diante deste resultado, é evidente a necessidade de um profissional capacitado para uma melhor instrução da população quanto ao uso seguro e correto dos medicamentos, visando minimizar intoxicações, interações medicamentosas, desencadeamento de alergias e etc. Tendo em vista que a maioria dos fármacos citados são MIPs, o farmacêutico normalmente é o profissional mais próximo dos usuários e tem total capacidade para fornecer informações adequadas aos pacientes.

Harle e colaboradores (2018) propõem em seu estudo que a educação em saúde sobre o uso seguro de analgésicos deve também ser fornecida pelas instituições organizadoras de futebol no âmbito nacional e internacional, uma vez que pesquisas constataram elevado uso de AINEs por atletas deste nicho esportivo. Além disso, sugerem que atletas universitários podem também ser um grupo importante para uma maior intervenção no quesito educação em saúde, pois são pessoas normalmente com pouca consciência dos efeitos do uso indiscriminado de medicamentos e também por serem mais influenciáveis para o uso destes.

Hainline *et al.* (2017) ressaltam que muitas vezes o tratamento da dor em atletas de elite consiste apenas no fornecimento de analgésicos e fisioterapia, sendo que uma abordagem mais ampla e multidisciplinar, poderia aumentar a eficácia do tratamento. Além disso, o Grupo de Consenso do Comitê Olímpico Internacional (COI) sugere que a terapia farmacológica do atleta deve ser de maneira individualizada, na menor dose possível e por um curto período de tempo, a prescrição deve ser consistente com o que já é comprovado pela literatura e o tratamento pode ser combinado com terapias não farmacológicas, é importante também que o prescritor conheça as regras para a indicação de substâncias que constem na listagem da Agência Mundial Antidopagem, dentre outros.

3.4. SUPLEMENTAÇÃO E O FLAG

Um mercado que está em expansão atualmente no Brasil é o de suplementação. De acordo com a pesquisa realizada pela Associação Brasileira da Indústria de Alimentos Para Fins

Especiais e Congêneres, nota-se que houve aumento no consumo de suplementos de 10% no ano de 2020 e 69% dos entrevistados são praticantes de atividades esportivas (ABIAD, 2022).

Os participantes também foram questionados sobre o uso de substâncias cujo objetivo é melhorar a performance dos mesmos na prática de flag. Dos 309 esportistas, apenas 97 (31,4%) responderam positivamente ao questionamento, sendo que 5 (5,1%) afirmam utilizar estes produtos apenas nos dias de treino de flag, 12 (12,4%) utilizam apenas nos dias de jogos, 30 (30,9%) fazem uso tanto nos dias de treino quanto nos dias de jogos e 50 (51,5%) utilizam com maior frequência. Outra limitação do presente trabalho foi não questionar se a suplementação está sendo feita mediante acompanhamento com profissionais habilitados para a prescrição dos mesmos.

A creatina é um suplemento amplamente utilizado por praticantes de atividades físicas, uma vez que promove melhora da performance, ganho de força e aumento de massa livre de gordura. Entretanto, foi demonstrado em um estudo com atletas de futebol americano que os atletas que fizeram uso agudo (40 dias) do referido suplemento obtiveram aumento de massa magra, mas não obtiveram resultado significativo quanto ao aumento de força (BARROS; SANTOS; FRANÇA; SILVA; BRITO, 2021).

Em seu trabalho, Huber (2014) demonstra que diversos consumidores fazem o uso de suplementos sem a indicação de um profissional adequado e sem o embasamento científico, baseando-se muitas vezes em indicações feitas pelos amigos. Portanto, mostra-se necessário que o farmacêutico também tenha conhecimento básico sobre suplementos, para que possa orientar corretamente a população sobre riscos da autoindicação e fazer o encaminhamento da mesma para os profissionais habilitados para a prescrição destes produtos, visto que eles podem ser encontrados nas prateleiras das farmácias também.

Como alternativa mais natural, Moura, Xavier e Souza (2022) sugerem que o uso de fitoterápicos - medicamentos feitos a partir do princípio ativo de plantas e que passam por todo um processo de industrialização, tornando seu uso mais seguro - também pode ser benéfico aos esportistas, uma vez que o uso correto pode proporcionar aos esportistas redução do processo inflamatório, aumento da resistência física e recuperação pós-treino. Contudo, é importante ressaltar que, apesar de serem produtos naturais, seu uso deve ser acompanhado pelos profissionais adequados para uma terapia individualizada e segura.

4. CONCLUSÃO

Pelo exposto foi possível observar que a faixa etária dos praticantes de flag football é muito ampla, sendo variável também o tempo de prática do esporte. No presente estudo foi possível que atletas das 5 regiões brasileiras fossem alcançados, o que era um dos objetivos do trabalho.

Dos quase 60% dos participantes que afirmaram ter se automedicado ao menos uma vez após a prática deste esporte, as classes de medicamentos mais predominantes foram relaxantes musculares, anti-inflamatórios não esteroides e analgésicos, respectivamente. Muitos destes fármacos são considerados medicamentos isentos de prescrição, o que facilita o acesso aos mesmos. Entretanto, é importante lembrar que, apesar de serem isentos de prescrição, os mesmos possuem riscos e o usuário precisa ser devidamente orientado pelo farmacêutico e outros profissionais de saúde. Além disso, pode-se pensar em medidas estratégicas que promovam educação em saúde a este público, visando minimizar e elevar a conscientização dos mesmos sobre o uso seguro de medicamentos.

Alguns atletas relataram também que utilizam suplementos para melhora de sua performance no esporte e, assim como os fármacos, tais produtos também são passíveis de autoindicação. Como estes também são comercializados em farmácias, é importante que os farmacêuticos tenham conhecimento para a orientação correta e ressaltar que um acompanhamento com o profissional correto também faz parte para uma obtenção de resultado satisfatório.

Conclui-se que é necessária uma maior conscientização das pessoas sobre os efeitos adversos provenientes do uso irracional de medicamentos. Diante disso, é importante que profissionais de saúde, principalmente farmacêuticos devem orientar, alertar os pacientes quanto aos riscos da autoindicação e encaminhar para outros profissionais de saúde casos mais específicos, sendo a comunicação ativa entre usuário e profissional de saúde importante para um tratamento correto e seguro.

REFERÊNCIAS

Anvisa. **Uso racional de medicamentos: um alerta à população**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2020/uso-racional-de-medicamentos-um-alerta-a-populacao>. Acesso em: 21 abr. 2022.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado; FERNANDES, Maria Eneida Porto; PIZZOL, Tatiane da Silva dal; RAMOS, Luiz Roberto; MENGUE, Sotero Serrate; LUIZA, Vera Lucia; TAVARES, Noemia Urruth Leão; FARIAS, Marení Rocha; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora; BERTOLDI, Andréa Dâmaso. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, [S.L.], v. 50, n. 2, p. 1-11, nov. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1518-8787.2016050006117>.

Associação Brasileira da Indústria de Alimentos Para Fins Especiais e Congêneres (ABIAD). **Pesquisa ABIAD aponta crescimento de 10% no consumo de suplementos alimentares no Brasil**. Disponível em: <https://abiad.org.br/pesquisa-de-mercado-suplementos-alimentares/>. Acesso em: 18 jul. 2022

BARROS, Gustavo Willames Pimentel; SANTOS, José Miguel Ramos; FRANÇA, Patrícia Maia; SILVA, Rebecca Peixoto Paes; BRITO, Tályson Felipe Noberto de. Efeito da suplementação de creatina em jogadores de futebol americano / Effect of creatine supplementation in american football players. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 7, n. 12, p. 113697-113706, 29 dez. 2021. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n12-245>.

BRASIL. SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICAS - SINITOX. **Tabela 2: Casos de Intoxicação por Medicamentos por Unidade Federada, Segundo Faixa Etária Registrado em 2017**. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/sites/sinitox.icict.fiocruz.br/files//1%20-%20Medicamento2.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2022.

BRUNTON, Laurence L.; CHABNER, Bruce A.; KNOLLMANN, Björn C.. **As Bases Farmacológicas da Terapêutica de Goodman & Gilman**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012. 2079 p.

CORAUCCI NETO, Bruno. **Avaliação de aspectos da saúde e características do treinamento de atletas ativos de fisiculturismo em diferentes modalidades**. 2018. Dissertação (Mestrado em Clínica Médica) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto,

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018. doi:10.11606/D.17.2018.tde-19072018-112211. Acesso em: 2022-07-18.

GONZAGA, Grasiela. **História do Flag Football**. Disponível em: <https://flagfootballbrasil.com.br/o-flag-football/historia-do-flag-football/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

HAINLINE, Brian; DERMAN, Wayne; VERNEC, Alan; BUDGETT, Richard; DEIE, Masataka; DVOŘÁK, Jiří; HARLE, Chris; A HERRING, Stanley; MCNAMEE, Mike; MEEUWISSE, Willem. International Olympic Committee consensus statement on pain management in elite athletes. **British Journal Of Sports Medicine**, [S.L.], v. 51, n. 17, p. 1245-1258, 21 ago. 2017. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/bjsports-2017-097884>.

HARLE, Christopher A.; DANIELSON, Elizabeth C.; DERMAN, Wayne; STUART, Mark; DVORAK, Jiri; SMITH, Lisa; HAINLINE, Brian. Analgesic Management of Pain in Elite Athletes: a systematic review. **Clinical Journal Of Sport Medicine**, [S.L.], v. 28, n. 5, p. 417-426, set. 2018. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health). <http://dx.doi.org/10.1097/jsm.0000000000000604>.

HUBER, Ana Cristina da Silva Mendes. **USO DE MEDICAMENTOS, SUPLEMENTOS, ESTIMULANTES E FATORES ASSOCIADOS EM PRATICANTES DE PADEL**. 2014. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Saúde, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ). **PESQUISA – AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL (2018)**. 2019. Disponível em: <https://ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>. Acesso em: 21 abr. 2022.

LIPMAN, Grant s; SHEA, Kate; CHRISTENSEN, Mark; PHILLIPS, Caleb; BURNS, Patrick; HIGBEE, Rebecca; KOSKENOJA, Viktoria; EIFLING, Kurt; KRABAK, Brian J. Ibuprofen versus placebo effect on acute kidney injury in ultramarathons: a randomised controlled trial. **Emergency Medicine Journal**, [S.L.], v. 34, n. 10, p. 637-642, 5 jul. 2017. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/emered-2016-206353>.

LUNDBERG, Tommy R.; HOWATSON, Glyn. Analgesic and anti-inflammatory drugs in sports: implications for exercise performance and training adaptations. **Scandinavian Journal Of Medicine & Science In Sports**, [S.L.], v. 28, n. 11, p. 2252-2262, 2 set. 2018. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/sms.13275>.

MOURA, Jennifer Sousa de; XAVIER, Taciana Carla da Silva; SOUZA, Lara Barbosa de. Uso de fitoterápicos: aplicações no desempenho esportivo / use of herbal medicine. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 5958-5977, 22 jan. 2022. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv8n1-404>.

PEZZINI, Bruno César Thomazi Freitas *et al.* USO DE ANTI-INFLAMATÓRIOS EM ATLETAS E SOLUÇÕES RELACIONADAS A DIETOTERAPIA E FITOTERAPIA: UMA REVISÃO. **Disciplinarum Scientia - Ciências da Saúde**, Santa Maria, v. 21, n. 2, p. 31-48, 2021.

ROSENBLOOM, Craig James; MORLEY, Faye L; AHMED, Imran; COX, Anthony Richard. Oral non-steroidal anti-inflammatory drug use in recreational runners participating in Parkrun UK: prevalence of use and awareness of risk. **International Journal Of Pharmacy Practice**,

[S.L.], v. 28, n. 6, p. 561-568, 21 jun. 2020. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1111/ijpp.12646>.

SILVA, C. S. da; MEDEIROS, G. E.; GALATO, D.; SAKAE, T. M.; REMOR, K. V. T. CONSUMO REFERIDO DE MEDICAMENTOS EM ATLETAS DE UMA UNIVERSIDADE DO SUL DO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM O ESTRESSE. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, [S. l.], v. 45, n. 4, p. 41–52, 2016. Disponível em: <https://revista.acm.org.br/index.php/arquivos/article/view/136>. Acesso em: 8 jun. 2022.